



## Biopolítica e a (na) “produção” dos corpos

### Ílscara Oara de Jesus

Doutora em Educação (PPGE).  
Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).  
Brasil.

oarajesus@gmail.com

### Daniela Cristina Ratico de Quadros

Doutora em Educação (PPGE).  
Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).  
Brasil.

Relações modificadas, escassez, mudança de crenças, macro e micropolíticas, sociedade digital local/global, transnacionalidade, nacionalidade, conectividade, biopoderes, biopolíticas, necropolíticas, medos extremados, vazios, rupturas, limites redimensionados, corpos destituídos, tecnologias. Tudo oferecido, a princípio, configura, manifesta intenções e manobras implantadas pelos biopoderes que promovem, controlam contextos, autenticam, justificam e desenham as sociedades em corpos reais e imaginários. Teóricos da pós-modernidade tramam seus discursos e propõem reflexões sobre o corpo/sujeito gestado e cultivado no tempo presente. Algumas mudanças imperceptíveis outras nem tanto, se costuram e potencializam um humano para e pela produção à serviço de algo ou alguém. Esse texto trata-se de um ensaio abordando a relação da biopolítica e a produção dos corpos.

Em O nascimento da biopolítica, Michel Foucault (2008) alimenta de forma consistente e embasa a discussão que propomos aqui: um corpo/sujeito que se constrói dentro de um Estado Governante que também busca uma sólida materialidade dentro de uma descontínua realidade e existência. Para Foucault, a questão é saber como tudo acontece, “como se desenvolve essa maneira de governar, qual a sua história, como ela ganha, como ela encolhe, como ela se estende a determinado domínio, como ela inventa, forma, desenvolve novas práticas” (Foucault, 2008, p. 9). Define a Biopolítica como um acontecimento próprio da política e da cultura ocidental, que se torna sólida a partir do século XVIII, no qual políticas e ações de governo atuam sobre a

vida biológica como instrumentos de controle.

O poder para decidir sobre vida e morte, segundo Foucault, se apresenta de duas maneiras que se tramam e se conectam por acontecimentos que se relacionam. Uma das formas utiliza o corpo enquanto máquina que pode ser modificada para beneficiar sistemas de poderes, Foucault chama de anátomo-política do corpo humano. A outra forma, aparece em meados do século XVIII, (...) “centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos” (Foucault, 1988, p.131) denominado por Foucault de bio-política da população. As duas formas buscam a sujeição do corpo biológico. Nas palavras de Foucault: “As disciplinas do corpo e as regulações das populações constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (Foucault, 1988, p.131). Duas lógicas se instalam: o sujeito de direito aceita as forças negativas, enquanto o sujeito de interesse faz um outro caminho: “não obedecem em absoluto à mesma mecânica”. Foucault prossegue: “O que é a política, finalmente, senão ao mesmo tempo o jogo dessas diferentes artes de governar com seus diferentes indexadores e o debate que essas diferentes artes de governar suscitam?” (Foucault, 2008, p. 375).

Poderes investidos de novas éticas declaram e descrevem seus novos sujeitos e decretam a “morte” dos outros “diferentes”. No jogo da eliminação ajustes e o aprimoramento de tecnologias se apresentam. “A tecnologia industrial; a burocracia, com sua meticulosa divisão de trabalho; a contagem dos corpos (número de nascimento, mortes,

grávidas, pretos, brancos pardos, deficientes, etc.), a hierarquia rígida de comando e disciplina, combinadas com a neutralização das convicções pessoais (ética)" (Bauman, 2011, p.69); organizam e classificam. Anátomo-política do corpo humano e bio-política da população se misturam e potencializam o humano. O híbrido resultante das duas políticas aparece de muitas maneiras. Cada vez mais visíveis e potencializados, os biopoderes se desnudam e se manifestam em biopolíticas.

Como exemplo, podemos citar aqui a medicalização dos corpos, controle de natalidade pela esterilização, mortalidade, entre outras, tornam-se instrumentos de poder e controle do corpo que passa a ser manipulado na sua totalidade (Foucault, 1988). No macro sistema das subjetivações e objetivações, a prática da medicalização dos corpos, "uma forma de imperialismo médico e de exercício do controle, que negaria a ação autônoma por parte dos indivíduos" (Zorzanelli, R.; Ortega, F.; Bezerra, B., 2013, p. 5) por meio das instituições credenciadas e autorizadas para determinarem quais, sujeições serão autorizadas, sacramentadas e conduzidas pelo mercado em sua total existência que consome vorazmente e subjugam a carne/humano concretizada a partir de vontades dominantes.

Para Foucault, "o que rege a sociedade não são os códigos, mas a perpétua distinção entre o normal e o anormal, o perpétuo empreendimento de restituir o sistema da normalidade" (Foucault, 2010, p. 181) que é reescrita a todo instante. Sem trégua, a corporeidade se mantém/é mantida em uma roda que na obsolescência se revigora. O índice se concreta em imagens para o consumo. "A medicina, então, estabelece diversas medidas de controle sobre o corpo do individual e do coletivo, possibilitando o exercício cada vez mais refinado do poder sobre a vida" (Gaudenzi, P.; Ortega, F., 2012, p. 22). Esse corpóreo tornado objeto, para atender demandas de "mercados promocionais da felicidade e do bem-estar" (Couto, 2009, p. 44), é fixado em peças publicitárias de prescrição fácil e torna-se instrumento de experimentação em templos contemporâneos.

Cada vez mais presentes e certificadas por técnicas em constante transformação e sofisticação biopolíticas distribuem, produzem necessidades e dependências que farão com que o sistema instalado e em pleno vigor, dominem grande parcela da população e controlem a geração de demandas que interessam. Nesse sentido por exemplo, o diagnóstico da loucura, nos mostra muito claramente na atualidade os deslocamentos discursivos e das práticas explicitando os poderes/saberes difundidos em formatos pré-estabelecidos que confessam verdades e pós verdades (Foucault, 2006).

Foucault (2001) define a loucura como lugar de experimento médico e jurídico. "O homem, atualmente, só encontra sua verdade no enigma do louco que ele é e não é; cada louco traz e não traz em si essa verdade do homem que ele põe a nu na nascente de sua humanidade" (Foucault, 1997, p. 575). Foucault na obra História da Loucura na Idade Clássica ([1961]1997) se utiliza da loucura para perceber e observar as tecnologias que vão permitir as sujeições, exclusões e inclusões dos corpos pelas biopolíticas.

São as guerras, lugar de experimentos/técnicas que deslocam soberanias, estatizam a vida biológica e dão direito político aos soberanos da vez/do momento de "fazer morrer e deixar viver" (Foucault, 1999, p. 286). Enquanto tecnologia, a guerra seleciona, formatando o corpo humano que se instala na crosta terrestre e se adequa às biopolíticas estrategicamente construídas com o intuito de eliminar incapacidades diversas de alongar e encurtar vidas. Esta, por sua vez, está a serviço de um mercado que controla, manipula e regulamenta os corpos, redefinindo limites, tornando-os mais produtivos, prevendo eventualidades cotidianas que possam interferir na eficiência e mobilidade da biopolítica instalada e agrupada nos corpos orgânicos, os quais obedecem a um conjunto organizado pelas mais diversas instituições (Foucault, 1999).

O século XX apresenta/efetiva o "fazer morrer e deixar viver" pelas estratégias do mercado bélico que vai subjetivar e objetivar, realocando os corpos para servir aos interesses organizados. Na Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

se usa pela primeira vez, no mundo moderno, armas químicas. Tecnologia naturalizante de "fazer morrer e deixar viver".

## Foucault e Agamben: corpo revisado

Para Foucault, subjetividades significativas são realinhadas e redistribuídas. Já Agamben (2017) nos propõe um olhar que des-subjetiva este corpo. Para ele, "sujeito e objeto são desativados e tornados inoperosos, e, em seu lugar, entra o uso como nova figura da prática humana" (Agamben, 2017, p. 49). Em outras palavras: da "vida nua" que se revela em sua simplificada biologia, e a vida humana em toda a sua complexidade, na pós-modernidade o que parece estar prevalecendo é a "vida nua". O corpo em sua biologia assume totalmente o poder de ser e estar enquanto materialidade a ser preservada (Agamben, 2017). Um exemplo é a polarização que acontece neste momento com relação a pandemia provocada pela corona vírus. Uns defendem a sobrevivência simplesmente e outros a complexibiliza.

Com seu olhar focado no futuro e atento aos novos formatos e entendimentos do corpo, Agamben em seu livro *Uso dos corpos - Homo Sacer IV*, 2, cartografa e amplia a discussão do cuidado de si feita por Michel Foucault. O filósofo italiano, que tem reinventado a problemática do cuidado de si e do conhecimento de si, chama nossa atenção para possíveis caminhos e fugas que desarticulam poderes e saberes e abrem a possibilidade de des-subjetivação do corpo de forma temerária. Pensar o corpo que se anuncia e que pede revisão implica,

[...] pelo menos em princípio, a ideia de que seja possível outro corpo para o homem, de que o corpo humano seja constitutivamente dividido. Procurar compreender o que significa "uso do corpo" significará também pensar esse outro possível corpo do homem (Agamben, 2017, p. 27).

Agamben propõe o corpo (re)arranjado a partir dele mesmo, no qual vida e forma não se separam. "A vida humana - na qual cada um dos modos, dos atos e dos processos do viver nunca

são simplesmente fatos, mas sempre e sobretudo são possibilidades de vida, sempre e sobretudo potência” (Agamben, 2017, p. 233). Para ele, em outras palavras, ao propormos a manutenção da vida propomos também a manutenção da morte. Neste espaço de insubordinação, dobras e estratos, onde o corpo nasce e morre continuamente, nos são oferecidos outros personagens que nos tornam híbridos descontínuos, provisoriamente estruturados nas e pelas relações de poder, e enunciados que, como uma colcha de retalhos que se movimenta e se retroalimenta dos pequenos pedaços, redimensionam o mosaico que se (des)monta e um corpo nu se anuncia. Propõe e alerta para algo muito presente na atualidade: cotidianos que se fazem e se pautam pela degeneração das humanidades fragilizando e degenerando dignidades. A “vida nua” de Agamben, não é, definitivamente, a “vida nua” traduzida e reduzida a escassez pregada e amplamente disseminada pelos governantes.

Agamben (2017), ao dialogar com os discursos de Michel Foucault, percebe a biopolítica como uma característica de toda a história ocidental, sempre ligada a dispositivos. “O que interesse a Agamben é a ligação que pode ser estabelecida entre ‘dispositivo’ e ‘biopolítica’” (Chignolo, 2003, p. 12) através da ação política como geradora da vida desprotegida, a vida nua. Agamben posiciona separadamente o humano e os dispositivos, propondo um terceiro espaço entre vida e dispositivo (Chignolo, 2003). Para Chignolo, decupando Agamben, “o corpo não constitui uma forma de luta, mas sim adesão de um contato” (Chignolo, 2003, p. 13). Nesse viés, o corpo é posicionado enquanto superfície marcada pela grafia civilizatória, e se torna múltiplo sendo sempre o mesmo.

Em resumo, para Foucault a política domina a vida (biopolítica) a partir do século XVIII. Por sua vez, Agamben nos diz que a política sempre transpassou a vida. Desde a antiguidade clássica e que o uso dos corpos tende a partir do conceito de “vida nua” na pós-modernidade é perigosa e tóxica. Ele traz como exemplo os “campos de concentração” do regime nazista (Agamben, 2017).

Percebo, ao olhar e ver as possibilidades e deslocamentos que são ideados para a constituição do corpo a serviço de algo ou de alguém, que as inserções evoluem rapidamente, desnortando a todos e inserindo códigos que cada vez mais controlam, manipulam, (des)fazem e declaram normalidades em imagens que comunicam e que se tornam protótipos e matrizes a serem seguidas. O ato de lapidar e (re)escrever nossas escritas anunciam em nossos corpos materialidades adequando interesses e ultrapassando muros impostos que desconsideram a geografia humana e organizam o sujeito no intuito de otimizar e controlar fluxos que estabelecem uma nova ordem. Como argumenta Foucault, nestes deslocamentos, somos levados a pensar que há a possibilidade do exercício da liberdade.

Palavras-chave:

Biopolítica. Corpos. Sujeito.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio, 1942- O uso dos corpos/Giorgio Agamben; tradução Selvino J. Assmann. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. A ética é possível num mundo de consumidores? Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

CHIGNOLO, S. Sobre o dispositivo. Foucault. Agamben. Deleuze. Cadernos IHU ideias/Universidade do vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos - Ano 1, n. 1, São Leopoldo, 2003.

COUTO, E. S. Corpos dopados, medicalização e vida feliz. In: RIBEIRO, P. R.; SILVA, M. R.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: FURG, 2009.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979) trad. Eduardo Brandão; revisão de trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins fontes, 2008. (Coleção tópicos)

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber,

tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michael. A ordem do discurso - Leituras filosóficas - Aula Inaugural No Collège D'e France, 2 de dezembro de 1970.Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio-Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 3. Ed.: abril de 1996, p.6.

FOUCAULT, Michel. 1926-1984. Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979) Michel Foucault; ed. Estabelecida por Michel Senellart; sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; trad. Eduardo Brandão; revisão de trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins fontes, 2008. (Coleção tópicos).

GAUDENZI, P.; ORTEGA, F. O estatuto da medicalização e as interpretações de Ivan Illich e Michel Foucault como ferramentas conceituais para o estudo da desmedicalização. Interface, v. 16, n. 40, jan/mar, 2012. pp. 21-34.

ZORZANELLI, R.; ORTEGA, F.; BEZERRA, B. Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010. In: Revista de Saúde Coletiva. [http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo\\_int.php?id\\_artigo=12505](http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo_int.php?id_artigo=12505). Acesso em: 01 set. 2023.